
P^olítica



1 9 3 0

Ano II

N.º 15

REDACTORES { *F. P. Dutra-Faria* (F. L. U. L.) | por
Domingos Mascarenhas e Sá (F. D. U. L.) | Lisboa
 { *J. M. Miranda da Rocha* (F. D. U. C.) por Coimbra
 { *Manuel Pinto Barrêto* (F. E. U. P.) pelo Porto

ADMINISTRADORES { *Valentino de Sá* (F. M. U. L.)
 { *Francisco Galvão* (F. D. U. L.)

EDITOR — *Antonio de Sousa Rego*

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.* (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol e Santa Catarina, 40-A, 1.º

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lusitania — Rua do Sol e Santa Catarina, 40 — LISBOA

SUMARIO

O Sr. Carlos Babo e as Lutas Liberais	<i>Alvaro MAIA</i>
a mística democratica e a transposição naturalista do CRISTIANISMO	<i>Garcia DOMINGUES</i>
Arte Cristã e teatro de h. ghéon	<i>Franz-Paul LANGHANS</i>
A margem dum livro	<i>Leão Ramos d'ASCENÇÃO</i>

ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e ilhas	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro	20\$00

Numero avulso 1\$50

Arthur de Campos Figueira

Advogado

Rua Nova do Almada, 54, 2.º

TELEPHONE CENTRAL 3024

Lisboa

José Guilherme Agala Montelro

Advogado

Rua dos Trintadores, 72, 3.º D.

TELEPHONE C. 950

Ferreira Cardoso

Advogado

RUA GARRET, 95, 3.º — TELEPHONE T. 11

— LISBOA —

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



O SENHOR DOM DUARTE DE BRAGANÇA

Política

REVISTA QUINZENAL

ÓRGÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA, COIMBRA E PORTO
DO INTEGRALISMO LISITANO

Redactor principal — Antonio de Amaral Fyrral (F. D. U. L.)

Lisboa, 23 de Setembro de 1930

GASTAR CERA ...

O SR. CARLOS BABO E AS LUTAS LIBERAIS

EU sei, eu sei!... Os leitores vão todos é uma clamar que é um desperdício de tempo e de paciência a análise da burundanga literária subscrita pelo sr. Carlos Babo... que é inútil empenho o querer pôr as coisas nos seus devidos termos porque, a mentira, dirigindo-se ao que ha de pior na besta humana, pega como visco em pernas de passarinho, ao passo que a verdade, para ser acolhida e produzir efeito, reclama consciência clara, plena subjugação do sub-consciente e nenhum espirito de má vontade... Eu sei. E para mais, tudo quanto aqui se poderia escrever refutando a arenga liberalista e supinamente ridícula do sr. Carlos Babo, tudo isso está já dito e redito, desde o Senhor de Pancas até Sotto-Mayor e D. Jorge de Locio...

Mas, convenham todos em que, se a gente, lá pelo facto duma calumnia estar sobejamente refutada, a deixasse de reduzir a cinco todas as vezes que ela adrega de renascer para gaudío de palermas e alimento de campanhas inconfessaveis, convenham os srs. em que, boa dóse de chibatada mereceriam tais comodistas, tão preguiçosos defensores da verdade!.. Demais a mais, o sarapatel rançoso que o sr. Carlos Babo cosinhou para a Livraria Chardron está longe de apenas agradar ao pseudo espirito republicano: ha um outro espirito que, avidamente, o pode saborear e o qual, sendo um republicanismu envergonhado, só pelo nome difere do primeiro. Refiro-me ao talassismo, inversão sentimental da idéa monarchica, escorrência elegante para uso de preguiçosos mentais, de estoiradinhos da alta-roda, uns apegados por vários motivos á deliquescência manuelista, outros com as contas em aberto no Tribunal dos Pequenos Delitos, outros ainda porque, na frase do Rei Eloquent, não passam de homens minguaados e falidos de bom entender. Para êses, tambem as histó-

riagens do sr. Carlos Babo não de ter o seu prestígio porque lhes poupam a massadoria de ler a borrardeira histórica do Luz Soriano e as mil e uma caluniosas produções dos folclóricos liberalengos...

Quando, em tempo de propaganda comiceira, um jornalista republicano se lembrou de falar nas alçadas miguelistas, enchendo-as de nomes feios e vomitando um lirismo liberdadeiro que trecoalava a lascar da Travessa do Cotovelo e a ignorância de primário, quem imaginam os srs. que surgiu a pôr as coisas no seu devido pé e a defender a memória do desventurado soberano D. Miguel I? Os homens da Nação, os únicos que sabiam ser monárquicos, tinham convicções fundadas, resistentes, os únicos que não faziam história para uso da besta-fera que se agita e espereia em todos nós!.. Anos depois, o montão de crimes praticados pelos assassinos republicanos em nome do léma sangrento, daria razão à defesa que os legitimistas faziam das alçadas, tribunais completos e justiceiros, julgando a dentro das leis e do espirito da verdade... Viria depois a Grande Guerra, instaurando a pena de morte — por que assim o exigia a salvação dos povos e, — esqueceu isto a sapiência histórica do sr. Babo! viria a aurora vermelha de Bela Kuhn, com o seu *Comboio da Morte*, trucidando, fuzilando, atirando pelas janelas da carruagem centenas e centenas d'individuos que não acreditavam na Liberdade, na Igualdade e na Fraternidade do bolchevismo... Os frutos da sementeira libertadora do judeu Bela Kuhn faniam vergar as arvores: ao longo da via ferrea estendia-se a fileira dos enforcados...

Não quer protestar contra a sementeira de Bela Kuhn, sr. Carlos Babo? Nem contra as chacinas de 1910 a 1926, em terras portuguezas? Nem contra a chacina bolchevista em paragens moscovitas? Agrada-lhe mais a objurgatoria ridicula contra as alçadas miguelistas? Pois, nesse caso, razão tenho eu para afirmar que o seu livreco pode tambem ser util alimento para cerebros talassas... E' que, ao fazerem os legitimistas a defesa das alçadas, sabe o sr. quem fez côro com os republicanos no seu ataque ás justicas de El-Rei D. Miguel I? Os pseudo monárquicos dos partidos, aqueles que, tempos depois, se conluavam de mãos dadas com os inimigos do Trono e do Altar e assassinavam o desventuradissimo, o bondosissimo D. Carlos I, e o Principe seu herdeiro.

O sr. Carlos Babo está realmente em muito boa companhia. Não se esqueça de limpar as mãos á parede!...

* * *

A produção literária do sr. Carlos Babo, melhor se intitularia *Compêndio das atrocidades liberais*. Encomendado pela Maçonaria garante que não ficaria mais completo.

Não faltam lá os ditirambos aos vintistas e á Constituição do Pôrto; as iras contra a execução de Gomes Freire classificado pelo sr. Babo de Mártir da Liberdade! Lá se afirma a cobardia de D. João VI; lá nos aparecem os puídos chavões das frases campanudas

como «as chagas da liberdade que scintillam desde 89... Parece impossivel como ainda hoje há individuos com bôjo para cocrover pêtas como as que acima deixo transcritas! A que diabo de liberdade se quererá referir o sr. Babo quando nos fala na estúpida Revolução Franceza? Naturalmente á dos precurssores francezes do Bela-Kuhn... ao assassinio de Luiz XVI e de sua familia; ao massacre de milhares de creaturas; ás chacinhas de Lyon e da Vendça; á guilhotina, insaciável Minotauro posto em uso pelos homens da Revolução; aos afogamentos em massa realizados em Nantes pelo grande assassino que foi Carrier; á sanguieira formidável que, em nome dum léma hipócrita, foi mantida durante anos pela Maçonaria, a judiaria e as grandes potências inimigas da França! Porque, não seria preciso pensar muito para considerar que a Revolução Franceza constitui a maior vergonha da humanidade!... Estes historiadores de estilique enchem a bocurra com as atrocidades da Inquisição mas fingem ignorar esta verdade — tão provada que até já passou á categoria dos lugares-comuns — : Em três annos, os homens da Revolução Franceza mataram mais, muito mais mesmo, do que os inquisidores em trezentos!...

E ainda há quem tenha bôjo para impingir pêtas tão safadas como as que impinge o *historiador* Carlos Babo!...

Mas o sr. Babo fiel ao propósito de iludir os pacóvios, não se fica pelo que acima deixo transcrito. Depois das mentiras ácêrca de D. João VI, dos vintistas, de Gomes Freire, da Revolução Franceza etc., vem á baila D. Carlota Joaquina e o Infante D. Miguel. Como não poderia deixar de ser em semelhante boca d'ouira, o sr. Babo, reduz a grande rainha e seu filho á categoria de monstros. Atribui-lhes o propósito de quererem destronar D. João VI e de quererem uma força de cincoenta em cincoenta passos... Aonde diabo teria ido o sr. Babo buscar tão farpados carapetões? Como conseguirá o autor em questão *provar* o que afirma e também a alegação de que o marquês de Loulé foi morto pela gente de D. Carlota e D. Miguel? Sim porque não basta afirmar: *provas, provas é que se quer*, e o sr. Babo, por mais que se esfalle só poderá encontrar provas do contrario que levanamente afirma. Quem lhe poderia contar das boas a respeito da morte do Loulé era o Rendufe, sr. Carlos Babo... Mas o diabo do homem, quando viu triunfante a Abrilinda fartou-se de queimar papéis e pranchas maçonicas pelas quaes, se D. Miguel chega a tomar posse delas, bem mal parados ficariam os créditos e o patriotismo dos liberaes... E entre a papelada, Rendufe, inimigo de D. Miguel, não se esqueceu de destruir aquillo que fartamente esclarecia o caso Loulé... Nós, se o sr. Babo Nêze historiador de boas intenções, lembrar-lhe iamos a leitura, por demais elucidativa dos Subsi-

diós para a história militar das lutas civis do malogrado Sá Chaves... Mas o sr. Babo é lá capaz de semelhantes leituras!

Porque s. ex.^a é tão consciencioso nos seus propósitos de historiador, tamanhos estudos fez sobre fontes históricas, obras serias e documentos iniludíveis que até acolta e envenenamento de D. João VI por D. Carlota Joaquina!

Verdade, verdade, que já começo a perguntar a mim mesmo se, perante tão despaudorados distates, me será licito continuar a gastar cêra com tão ruim defunto como o sr. Carlos Babo, fantasma de quantos engulidores e vomitadores de carapetões surgiram na via da historiagem liberal.

(Continúa)

Alvaro MAIA

aniversário

Nesta data em que o Senhor Dom Duarte completa 25 anos de idade, a «Política» ao publicar em extra-texto o Seu retrato, sauda nele a esperança sempre viva de todos nós e o futuro da nossa pátria admirável.

Um Rei constitucional está encurralado em bem pequeno recinto, donde não ousa, nem pode sair, e por isso as suas acções são sempre limitadas; e por maior que seja o seu génio, não pode crear cousas grandes.

Não é assim que hoje o desejam os povos. Querem um Rei sem *alcunha*, como tenho ouvido a alguns dos nossos rusticos das provincias, designando por *alcunha* o titulo de *constitucional*. Querem um Rei que tenha uma existência própria, um principio activo, que sem dependência de outrem anime e vivifique o Estado; que não reparta com outrem os attributos essenciaes da Soberania nem por outrem possa ser embaraçado de fazer todo o bem possível aos seus vassallos;

José Acurcio das NEVES

«Cartas de um Português das suas Condições»,
lis. 101-102).

a mística democrática e a transposição naturalista do CRISTIANISMO

*Les idées révolutionnaires ne sont pas des idées chrétiennes,
mais ce sont des corruptions d'idées chrétiennes.*

(J. Maritain — «Théisme», pág. 104).

CONSIDERADA no seu profundo significado a Reforma protestante não foi sómente a quebra da unidade religiosa do cristianismo medieval, mas também o facto que pelo alcance das suas consequências representa a maior scisão na continuidade da evolução histórica do Ocidente.

Destraindo a antiga tábua de valores baseada na distincção secular do temporal e do espiritual, ao mesmo tempo que pelo retorno à tradição judaica favoreceu se não condicionou a eclosão espontânea do capitalismo moderno, operou no mundo a revolução incalculável de que a civilização americana é o produto mais completo. Tanto a Antiguidade como a Idade Média e o Antigo Regimen foram civilizações qualitativas creadoras de valores morais, estéticos e especulativos.

Distinguindo entre occupaões nobres e occupaões servis repousaram na consequente diferenciação hierárquica das classes e das funções. Procurando realizar ora um ideal de santidade ora um ideal de sabedoria as suas finalidades dominantes foram a perfeição moral do indivíduo e a selecção das «élites» intellectuais.

Com o Renascimento uma vida nova desperta e o desenvolvimento económico fez surgir uma grande ameaça para a regularidade da sociedade europeia. Todavia a primazia do espiritual permaneceu inalterável.

As civilizações quantitativas oriundas da reforma invertem a hierarquia clássica dos valores e proclamam a igualdade das condições com a supremacia das funções económicas e de produção.

Visam principalmente o domínio ilimitado do homem sobre a matéria e a elevação do bem estar médio da massa, repousando dum modo geral sobre a primazia das funções económicas que regulariza o movimento monetário (1).

Lutero condicionando uma erupção violenta do individualismo potencial da raça germânica procurou constituir um cristianismo não-romano. Vmgou a sua tentativa. Mas, por uma incidência notavel, tanto a doutrina da predestinação e da justificação pela fé como o principio monopolista do natural e sobrenatural cortando todas as relações entre a natureza e a graça, a politica e a religião deviam provocar o aparecimento duma nova óptica da vida.

(1) — Louis Bougler — Le protestantisme et la philosophie de l'histoire, la Revue de France, Jan. 1929.

Enquanto o fatalismo teológico da salvação individual na sua expressão mais rigorosa condenava irremediavelmente a vida ascética e contemplativa a autonomia do temporal conduzia naturalmente ao despotismo dos príncipes.

Erguendo-se contra a Igreja de Roma o protestantismo por outro lado forçou-se nas fontes judaicas para derrubar a tábua clássica dos valores greco latinos e voltando ás antigas concepções semitas do Trabalho e da Riqueza criou o culto do Dinheiro que produziu a eclosão das virtudes burguezas e da mentalidade capitalista, pilares fundamentais das civilizações modernas.

Assim tanto pelas profundas infiltrações de espírito judaico como pela estrutura própria das suas doutrinas o movimento reformista realizou por uma acomodação imprevisita a ruptura com a velha tradição europeia das civilizações qualitativas.

A Revolução foi o desenvolvimento natural da Reforma; foi, por assim dizer a face política duma grande corrente ao mesmo tempo intellectual e social que partiu duma singular querela de monges e de que a Reforma foi a face religiosa e metafísica.

As nacionalidades latinas, mas a França principalmente atravessaram na época que precedeu a Revolução uma crise intensa. O feudalismo agonizava enquanto uma classe valorizada, a burguesia se esforçava por elevar no quadro da hierarquia social. Este fenómeno de duplo aspecto provocado pela lógica interna da Reforma procurou uma expressão natural (*). Expressiu-se intellectualmente na filosofia política de Rousseau. Rousseau criou a mística democrática que a Revolução constituiu e consolidou fortemente e definitivamente.

Satisfazendo o descontentamento provocado pelo ateísmo dominante da Enciclopédia e interpretando ao mesmo tempo as exigências imperativas que uma formidável poligenesia social determinava Jean Jacques Rousseau alma sonhadora e romântica idealista e profundamente religiosa, duma sensibilidade desequilibrada mas dum génio scintillante, pela extravagancia admirável das suas ideias como pela impressionante simplicidade da sua figura literária é verdadeiramente o primeiro e o maior profeta da mística democrática.

Simultaneamente reformador social, político e religioso como Platão, como o de Platão distingue-se principalmente o seu pensamento pelo emprego do processo geométrico e da lógica dedutiva na construção das teorias e por um predomínio excessivo da imaginação creadora sobre a intelligencia fria e o raciocínio preciso.

Rousseau despreza a observação, e a diferenciação que a história revela. Seu método é dum radical absolutismo metafísico. Ao contrário de Montesquieu que defende a existência do povo, Rousseau pretende legislar para toda a humanidade. Para elle a maior realidade é o homem que de Maistre devia ingenuamente confessar, não conhecer.

(*) — Talus — Les Origines de la France Contemporaine, Le Reveil I, pag. 396

Munido de ideias gerais e de noções abstractas elabora em raciocínio discursivo um sistema político completo que é uma das mais excelentes obras primas do pensamento artificialista. «*A une époque calme — diz Simon Deplaigne — il aurait pu avoir la vogue éphémère d'une fantaisie d'historiques*»⁽¹⁾.

Mas, foi outro o seu destino.

Confundindo-se no conjunto das ideias em que fora gerado e dentro das quais enquadrava naturalmente transformou-se numa verdade mística, numa iluminação miraculosa que se aceita sem discussão.

Teórico político da Revolução, Rousseau foi também o seu revelador messiânico. As suas concepções religiosas em breve fizeram eclodir uma mística nova, a mística democrática, essa nova grande religião dos tempos modernos que como muitas outras teve dogmas e credo, cultos, ritos, igrejas e festas, mártires e apóstolos, intolerâncias e barbaridades e que na mentalidade jacobina encontrou os seus mais ardentes e tenebrosos fanáticos.

A mística democrática colocou no mistério triplice da Liberdade, Igualdade e Fraternidade o seu dogma fundamental. O seu ideal supremo foi a realização da Justiça: o regresso dos homens à igualdade natural. Segundo uma concepção inepta da doutrina de Rousseau anteriormente ao desenvolvimento das faculdades humanas pela civilização e como base das garantias individuais houve um Contrato Social. Depois os fortes abusando dos fracos rasgaram o Contrato Social e cometeram livremente toda a espécie de tropelias e de infâmias. O homem não tornará a ser feliz e a gozar da liberdade que lhe é devida senão quando os pobres e os oprimidos com o grito de justa revindicta se revoltarem para expulsar do poder os ricos e os poderosos.

É a miragem duma idade de ouro em que a Justiça hã-de reinar sobre a terra, em que os pobres serão recompensados e os ricos humilhados que os promotores da Revolução através do bibismo da Reforma herdaram da imaginação apocalíptica do pauperismo de Israel.

Tomando os indivíduos como unidades matemáticas vastas de substância, todas iguais e perfeitamente distintas a mística democrática em nome dum individualismo irracional destruiu a propriedade, a lei, o governo, a sociedade e as suas instituições. Mas por uma necessidade interna da doutrina o extremismo individualista conduziu à formula mais pura do seu contrário.

Tem-se descoberto em Rousseau «um libertário declarado e um déspota disfarçado»⁽²⁾. Nesta antinomia aparente existe uma real e profunda unidade.

A simultaneidade destes dois prejudicados é tão aparente como necessária.

O homem que em teoria defende a prática, é na prática o mais

(1) e (2) Simon Deplaigne — *Le Conflit de la Morale et de la Sociologie; Le droit naturel de J. J. Rousseau*, pgs. 194, 195.

terível dos teóricos. O homem que elogia a saúde é tão doente, como é louco o que honra a sabedoria com um culto especial. Estas coisas foram há muito notadas por Chesterton aquele original pensador que numa divina frivolidade emitiu sob o aspecto de paradoxo um rolário de opiniões absolutamente certas e dum vastíssimo alcance intuitivo (1).

Por uma razão muito semelhante que reside na dinâmica própria das atitudes humanas o individualista intransigente será sempre o adorador do Estado-Deus que destrói a personalidade. Querendo elevar demasiadamente o individuo conservando a sociedade cairá no mais incongruente doutrinarismo (2).

Não há pois contradição alguma entre o libertário e o despota e isto dá uma explicação plausível e coerencia perfeita à psicologia (não as razões) daquele célebre rei português que queria *libertar á força* o seu povo.

Tendo chegado a uma concepção religiosa do estado a ideologia revolucionária empreende uma campanha destrutiva no sentido inverso. Então nada se salva. Corporações, comunas, igrejas, provincias, familias, academias científicas tudo prejudica os interesses supremos do Estado-Soberano. Em nome desta mitológica divindade tudo deve ser dissolvido.

A Revolução neste ponto cumpriu à risca o seu programa. A Constituinte suprimiu as antigas provincias, os antigos estados provinciais, as antigas administrações municipais, etc. (3).

Depois veio a Assembleia Legislativa que aboliu as congregações, as confrarias, as associações de piedade e caridade, os colégios, os seminários, as missões, etc. (4). Enfim a Convenção eliminou para mostrar o alcance superior das novas liberdades, todas as companhias financeiras e estabelecimentos bancários, todas as sociedades e academias literárias e científicas (5).

A familia foi atingida pelo divórcio e o casamento equiparado a um vulgar contrato social.

Entretanto por uma destas ironias da história muito frequentes longe de estabelecer o regimen ideal que já havia evoluído para um socialismo igualitário e colectivista deduzido por Babeuf sob uma forma rigorosamente lógica a Revolução foi fazer eclodir um ideal muito diferente.

O móvel último da Revolução e das ideias revolucionárias como Taire assinalou foi de natureza social e na sua essencia uma «translação da propriedade» (6).

(1) G. K. Chesterton, *Hérétiques* trad. frans. de Jeany S. Bradley pag. 10 e 8. François d'Assise.

(2) A insuspeccencia da democracia é posta em relevo pelo moderno filosofo russo Nicolas Berdiaeff. *La démocratie* — escreve Berdiaeff no seu livro «les nouveaux moyens ages» (trad. frans. de A. M. F. pag. 247) est individualiste dans sans principe, mais par sa dialectique fatale elle mène à l'anti-individualisme, au nivellement des individualités humaines.

(3 e 4) — Talas — *Les origines de la France contemporaine*.

(5) — Simon Dépléige — *Le CREDIT de la Morale et de la Sociologie*, pag. 158.

(6) — Talas — *Les Origines...*, *La Revolution I*, pag. 894.

Procurando realizar uma pretensa igualdade natural entre os homens realizou de facto a maior e a mais abominável das desigualdades, provocando a subida ao poder da burguezia enriquecida e dos grandes capitalistas que marca o aparecimento daquelles regimens politicos que o eminente sociólogo Vilfredo Pareto classificou dentro do ciclo das plutocracias demagógicas.

Todos os infamados discursos jacobinos sobre o egoismo e as suas funestas conseqüências, tiveram um efeito duplamente contra-productente. A Revolução não fez mais do que substituir a aristocracia do sangue pela aristocracia do dinheiro. Marat já perguntava: *«Aurons nous gagné à détruire l'aristocratie des nobles, si elle est remplacé e par l'aristocratie des riches?»*.

O Cristianismo começou por pregar o desprendimento das coisas terrenas. Transformou-se na sociedade mais fortemente conservadora que a Europa conheceu.

Uma querela de Monges sobre indulgências destruiu o principio distintivo do temporal e do espirital.

A Revolução Russa que começou pelo evangelismo de Tolstói terminou na mentalidade da Nep.

Os grandes ideais democráticos da mitologia revolucionária tiveram por efeito a sua mais viva contradicção.

E' que, conforme diz L. Rougier *«une doctrine politique, un système religieux agissent moins par le développement mécanique de leurs effets logiques que par les réactions qu'ils provoquent, par les accommodements qu'ils comportent, par les effets secondaires qu'ils suscitent, par les incidences ignorées et lointaines qu'ils déclenchent en se composant avec d'autres forces concourantes»* (1).

Todavia sob este aspecto ainda a Revolução continuou pela universalização do espirito judaico a obra da Reforma na quantificação da civilização moderna.

Depois de ter mostrado o caracter qualitativo ora religioso ora patriótico das civilizações antigas, Taine definiu o significado da Revolução magnificamente quando escreveu *«On se le religieux ou patriotique a succédé le besoin de bien être; et le nouveau motif est aussi puissant que les a utres; car dans nos sociétés industrielles, démocratiques utilitaires c'est lui qui désormais gouverne presque toutes les vies et qui provoque presque tous les efforts»* (2).

A necessidade do bem estar, o impulso utilitário eis o que sob as ideias-mitos da Revolução se encontrava latente no individualismo de Rousseau seqüência directa do individualismo protestante no seu aspecto intellectual.

(Continúa no próximo número).

Garcia DOMINGUES

(1) — Louis Rougier — La Mystique Démocratique, cap. V, Le protestantisme et le capitalisme moderne, pag. 199.

(2) — Taine — Les Origines... La Révolution I, pag. 388.

ARTE CRISTÃ

o teatro de h. ghèon

A arte tem por finalidade a contemplação do belo. Atingir o belo é a missão do artista. O belo é a Perfeição e é o Equilíbrio que só existe na sua plenitude no fim último de todas as coisas no ponto de convergência de todas as actividades da Criação, numa palavra: em Deus. A arte que se remira em si própria, perde a elevação, cai em narcisismo, deixando de ter o valor intrínseco que a espiritualisa e nobilita. Ela é meio e não fim. É um instrumento de perfeição e não a própria Perfeição.

«L'art apprend aux hommes, dit Jacques Maritain, les délectations de l'esprit, et parce qu'il est sensible lui-même et adapté à leur nature, il peut le mieux les conduire à plus noble que lui. Il joue ainsi dans la vie naturelle le même rôle, si l'on peut dire, que les «graces sensibles» dans la vie spirituelle.» (1) A esta arte que aspira a Beleza divina e que pelo seu poder delectante, nos conduz à contemplação da Verdade, é que se chama Arte Cristã.

Condensando em si todas as manifestações da arte — e teatro — dada a sua força inductiva e suggestionadora representa ou um grande mal, ou um grande bem social, conforme se se utilizar dele, já empregando temas que por sua natureza mórbida possam sobrezeitar os instintos, já pela representação de scenas dignificantes que sirvam de estímulo e aperfeiçoamento do espirito do público. O teatro de nossos dias e mormente em Portugal onde a crise é manifesta quanto ás vocações comediograficas e dramáticas, serve de pábulo a uma grosseiríssima exploração dos instintos do público ávido de sensações decadentes e pronto a aplaudir fartamente os ditos picantes das mais escabrosas scenas. Emprezarrios, actores e autores tendo em mira os lucros, tratam de se evidenciar neste género de peças chamadas imorais. A grande influencia exercida pelo teatro, torna-o tanto mais nefasto quanto mais deprimente é o assunto escolhido, mesmo quando tem por fim uma moral qualquer. Se quanto à sua finalidade, determinada peça pretende mostrar certo mal para o combater, desde o momento que tenha de ir buscar scenas onde se jogue demoradamente a malicia humana, essa peça, mesmo atendendo aos seus bons intuitos, é pernicioso quanto aos meios. Outras peças há cujos autores se delectam na descrição premonitriceada de que mais baixo e nauseabundo existe no fundo das sociedades, e delectam-se só por méra literatura, por uma questão de forma. O primeiro exemplo apresentado é pernicioso quanto ao meio, este último é condenável não só quanto ao meio, mas também quanto ao fim, e ainda mais é um aviltamento da arte porque a desvia da sua missão.

(1) Jacques Maritain, *L'art et l'Intellectuel*, pág. 180

Atendendo ás razões superiores dos seus fins, o teatro concebido dentro dum espirito christão, é coisa bem diferente e contrária ao que para aí se estadeia neste campo artistico, onde a ausência de escrúpulos e a falta de sentido assentam arraisais, servindo de tórrpes especulações e de caminho directo à propaganda das idéas falasas e das moralidades exóticas, levando até à consciéncia dos públicos, noções erroneas da vida. Sabe-se com que habilidade os inimigos da civilização têm-se servido do teatro, aproveitando a sua influéncia decisiva sobre as massas, para destruir os conceitos christãos da sociedade. O exemplo dos bolchevistas e dos diferentes agrupamentos internacionais congéneres, corruboram as nossas afirmações dum modo inofismável.

Ora para o christão que é o possuidor da Verdade Revelada, ella é que constitui o ponto de partida de todas as suas actividades sejam ellas quais forem, mórmente na arte, criação sublime do homem como reflexo de Deus. Jacques Maritain no seu livro *l'Art et Scolastique* — verdadeiro tratado de arte christã — diz: «*me separez pas votre art de votre foi*» e ao escrever assim indica-nos que é na fé que está a força imanente, o pensamento preconcebido de todas as acções do christão. Logo, elle fará arte christã e não outra arte, inspirada noutros principios. Em conclusão, o teatro deve «*apporter en soi le caractere du christianisme* quando é obra de christão e feita para christãos.

Foi interpretando a arte desta maneira que Henri Ghéon — um dos muitos valôres da França contemporânea, convertido ao catholicismo — criou o teatro christão moderno, inspirando-se ora nos autos e mistérios medievais, ora nos temas apologeticos extrahidos da filosofia católica. Dos primeiros deu-nos esse reportório admirável de pequenas comédias, com entroschos muito singelos, em geral baseados sobre um episodio notável da vida dos santos que o autor chamou *miracles* por serem os milagres o centro, à volta do qual se desenrola a representação, e que reunidos em volume sob o titulo de *Jeux et miracles pour le peuple fidèle* formam uma obra de grande alcance social porque habitua o público ao «*merveilleux chrétien*», segundo a expressa intenção de H. Ghéon.

Dos segundos, apresenta-nos uma das mais arrojadas criações modernistas que é o «*Triomphe de Saint Thomas d'Aquin*» — tipo de drama litúrgico e filosófico — onde aparece num perfeito jogo de scena, o destete das idéas representadas, conforme as suas características, por figuras simbólicas habilmente escolhidas e trabalhadas. O drama está dividido em três partes: na primeira, decorre a vocação e as tentações de Santo Tomás; na segunda, o triunfo do Santo sobre toda a sabedoria antiga e a sua morte; no terceiro a tentação do homem moderno que se salva, com a ajuda do senso comum, regressando ao seio de Santo Tomás que ressurge triunfante. Este drama é «*à la manière des vieux ages composé pour la scène en prose*

mêta de vers... conforme a inscrição do frontespício da obra. Também tem trechos musicais e cenários ultra-modernos animados projecções luminosas. Esta, é sem dúvida nenhuma, a mais extraordinária criação do teatro cristão moderno, pelo seu ineditismo, pelo seu significado religioso, pela intropertação da corrente filosófica tomista que hoje domina os meios cultos da Europa. Evidentemente que não se trata de uma obra para o grande público, visto ser construída sobre um assunto, que pela sua transcendência, só pode interessar verdadeiramente as pessoas munidas de alta cultura.

As duas especies teatraes apresentadas são as formas mais típicas da cena cristã. Uma, simples, sugestiva e cheia de encantos, fortemente colorida, feita para o «*peuple fidèle*»; outra, profunda, cheia de erudição, que nos obriga a raciocinar, feita para os intelectuais, para os homens de pensamento. Mas a actividade de Ghéon não fica por aqui, na tragédia oferece-nos «*Saint Maurice et l'Obéissance*», obra de farta vida, inspirada nos tempos rubros das perseguições, em que se representa a imolação de seis mil legionários do comando do Santo, que preferem morrer a desobedecer ao seu imperador e que neste holocausto venceram pelo civismo e por amor a Jesus Cristo. E' emocionante e entusiasma-nos na Fé. Animadas pela mesma beleza emotiva e arrebatadora são as peças puras e extraordinárias que o autor nos deu sob os títulos de «*trois Miracles de Saint Cécile*» e «*Le pauvre sur l'Escalier*».

O teatro moderno cristão não é executado por mera arte — isto é, representado só por representar — o seu fim é mais alto e sublime: é levado a glorificar Deus como a liturgia e a oração, tornando-se por esse motivo num acto religioso. Só pessoas animadas de grande piedade e tendo como complemento, geito artistico, podem interpretar com sentido verdadeiro o teatro religioso porque, elle perderia todo o seu significado e mesmo valor, — debaixo do ponto de vista de arte, — se se dêle ausentasse o facto eminentemente espirital — a unção religiosa. Seria um corpo sem alma, uma construção rígida, sem a minima aragem vital. E' pois, para que o teatro religioso, se realize dentro das suas finalidades que se fundaram umas associações (misto de artisticas e religiosas), especie de contrarias com a sua disciplina especial própria, com as suas regras e preceitos como qualquer outra agremiação cultural, cuja missão é unir num mesmo pensamento actores e autores.

Em Paris, as *Compagnons de Notre Dame*, e em Liège, os *Compagnons de Saint Hubert*, dão-nos o modelo destas associações teatraes, que tam bons serviços têm vindo prestando, na reputação do teatro cristão, que pelo seu brilhante inicio, faz antever um futuro glorioso.

Em Portugal, onde a carência de espirito artistico é bem patente, o illustre dramaturgo, sr. Alfredo Cortéz, vem tentando adaptar o teatro cristão, cujos primeiros passos foram dados com as

representações das suas peças *Lourdes* e *Oiro*, levadas a scena nos teatros de Lisboa, e com a tradução da peça de H. Ghéon «les trois sagesse du vieux Wang», na versão portugueza «*Wang, addio três vezes addio*», que alcançou grande exito no Porto, onde fôra pela primeira vez ao palco.

A tradição do nosso teatro medieval e quinhentista com os seus mistérios e os autos, a vida maravilhosa dos nossos santos, as lendas e contos repassados de misticismo, e nosso folclore e os milagres notáveis da história portugueza, constituem manancial inexgotável, capaz de satisfazer a sede do mais exigente artista, não só pela modalidade do assunto, como pela abundância de inspiração que incute. E não nos falta nada: lux a jorros, côr, musicalidade, grande lirismo e principalmente um ambiente de Fé, uma crença arreigada, condições estas que tornam Portugal o país onde a alma do puro artista christão, mais dilatados vãos pode empreender.

Oremos a Deus pedindo que faça os nossos artistas mais portuguezes. Se elles se agarram à Terra e respiram a atmosfera limpida do nosso Portugal, serão mais christãos e a sua arte será um eirismo místico que ultrapassa os corações e vai até ao fundo das almas. Melhor que a França, melhor que a Italia, a Alemanha e a Belgica, Portugal é a nação predestinada para cantar eternamente a Glória do Senhor Deus de Ourique. Em nós todos os elementos da natureza, desde as montanhas altivas e inacessíveis da Beira até ás immensas planicies do Alentejo, desde o mimoso jardim do Minho até as nossas extensas costas beijadas pelo grandioso Atlantico, cantam em unísono com as nossas boas gentes, suscitando-lhe aquelle dom sublime que é a comprehensão do Poder Infinito de Deus reflectido nas suas criaturas.

A arte mais genuinamente portugueza é aquella que buscou inspiração nas coisas santas. Faça-se teatro portuguezo e teremos teatro christão. Henri Ghéon se fôsse nosso era o dramaturgo de maior génio dos tempos modernos.

Franz-Paul LANGHANS

Como o soberano é o primeiro interessado na prosperidade do reino que lhe pertence, deve supôr-se que tódas as suas leis são dirigidas a fazer a felicidade dos vassallos que governa; porque se é absurdo pensar que aquelle cuja glória, prosperidade e interesse nasce, prospera e cresce com o interesse, prosperidade e glória da nação a que preside trabalhe por arruinar-se a si mesmo, arruando os interesses do povo de que é rei.

Dr. José da GAMA E CASTRO

(O Novo Friburgo, pág. 90)

à margem dum Livro

(Conclusão)

MEDICINA E HISTÓRIA

Apesar de todo isto e de mais que Sardinha explica pela época e pelo meio, parece-nos que a figura de Leonor Teles foi uma figura nefasta e antipática da nossa história.

Em todo o caso, o que preocupa António Sardinha é a crítica ao livro do Dr. Adribal de Aguiar, e essa fá-la brilhantemente, demonstrando a fallibilidade de todos os conceitos d'este.

O outro problema de que António Sardinha trata refere-se á hipótese levantada no século passado de que D. João II morreu envenenado. Sardinha recusa-se a formular uma resposta e cita Fustel de Coulanges que «*inquirir sempre, quando uma questão se suscitava, se havia, ou não, um facto com que solucioná-la ou impugná-la.*» Ora á falta de documento nada se poderá afirmar, embora seja mais verosímil que não tivesse havido envenenamento (é a opinião do Dr. D. António de Lencastre e do Dr. Ricardo Jorge, cujo melhor fundamento se encontra na descrição da doença feita por Garcia de Resende na sua Crónica), ou que, a té-lo havido, de tal não é responsável a grande figura da Rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

E se nos fosse permitida uma objecção, perguntariamos onde é que António Sardinha soube que em D. João e D. Leonor há «*duas almas que se amam e odeiam, que se atraem e repelem.*»

Confessamos que esta afirmação nos causou estranheza.

OS GAMA'S

Pelo carinho que lhe merece a instituição familiar, António Sardinha, como fizera para Ramalho Ortigão, estuda as origens de Vasco da Gama. Descendente de proprietários rurais que se foram elevando gradualmente, por meio de esforços acumulados, por este facto se prova mais uma vez que a sociedade tradicional não era uma sociedade fechada, como pretende a jacobinagem ignorante e facéiosa, mas, pelo contrário, facilitava a ascensão de todos os que tivessem méritos, tão ordenadamente, porém, que o resultado era sempre em proveito colectivo.

Prova Alberto Sampaio que em nossa Grei, de origem comum, o que a une indissolavelmente, nunca houve distincção entre vencidos e vencedores, porque todos foram vencedores do mouro usurpador. Desta forma, todos se confundiam, uns dirigindo, outros dirigidos, mas todos tendo a possibilidade de se elevar pelo próprio esforço, destacando-se do fundo humilde donde tinham surgido. A facilidade que havia de se chegar á nobreza, quer durante as guerras de Reconquista, quer durante os Descobrimentos, é-nos revelada por bastantes factos, e já Adolfo Coelho o tinha notado.

Não foi só o esforço duma *élite* que fez a nossa história, assim

como não é verdade que esta seja «o produto espontâneo duma instintiva massa acéfala». Há um «bloco homogêneo», uma unidade profunda, resultante dum afeiçoamento espiritual de ordem religiosa, que nos deu a consciência plena da nação. «*Das primeiras (o escol condutor), a direcção — o pensamento, o plano. Aos restantes, a execução e a matéria prima. Em que redundaria a jacquerie de 1384, sem a iluminação mística de Nun'Alvarez? Numa sarambada epiléptica de castelos ardendo e de prebados espaparrotoando-se das torres para baixo.*»

Esta ascensão familiar, cheia de resultados fecundos, ligada à ideia de responsabilidade social, era bem diferente do turbilhão anárquico em que nos debatemos hodiernamente. Hoje o poderio está no dinheiro, que não tem deveres porque é o único senhor. E considera-se a fortuna, alcançada por qualquer processo, o único fim a aspirar, porque é também a única forma de subir. A fortuna era um meio na sociedade antiga, considerada «como condição para se realizarem outros destinos, e não como finalidade única e absorvente.»

O individualismo produziu estes tristes resultados e se a democracia, para Pagnet, era já o «culto da incompetência», o poder pertence a um «patriciado de mediocridades».

Restaure-se, pois, a família em toda a sua dignidade e unidade. Foi ela que fez a Nação. Só ela lhe poderá dar consistência social. Rasguem-se as leis iníquas que nos matam, pois por maior que seja a virtude moral da nossa Gret, ela sucumbirá forçosamente perante leis que a têm esfaqueado, em homenagem a um ideal de retrocesso selvático à vida da floresta, sem deveres, sem as vantagens que uma sociedade disciplinada e sã oferece, mas com o privilégio da liberdade idílica do troglodita.

E pensarmos nós que tudo depende duma rajada de bom-senso! Quando será que o Estado português, abandonando corajosamente preconceitos cada vez menos justificados, enveredará por um caminho amplo de reforma e renovação?

Eis o que é o livro.

Possam as nossas humildes palavras contribuir para a sua difusão, que bem o merece pelas suas ideias que o advoga, pela inteligência do seu autor e pela lucidez e brilho da forma, verdadeiramente sedutora, sem sembra de affectação na cultura e no saber enorme espalhados naturalmente por todo o livro.

Fazemos votos pelo próximo aparecimento dos restantes livros anunciados de Antónia Sardinha, certos que estamos de que obterão o mesmo êxito e virão enriquecer notavelmente a nossa literatura do género que tão fulgurantemente foi cultivado pelo malogrado escritor, ao mesmo tempo que nos darão os mesmos momentos de raro prazer espiritual que a leitura deste nos deu.

Leão Ramos d'ASCENÇÃO

ao aparecimento da B A T A L H A

«Porta-voz da organização operária portuguesa» iniciou a sua publicação o semanário «A BATALHA».

Tem por fim intensificar a acção sindical portuguesa — independentemente de facções e de partidos. Jornal bem feito, sem intolerâncias que o desprestigiem nem logares-comuns da retórica liberal que o banalizem — impõe-se à nossa simpatia.

Pondo pois de parte tudo quanto nos separa, saudamo-lo efusivamente, por todo quanto nos une. E isto da nossa parte significa que sabemos destrinçar o trigo do joio, incitando e ajudando os verdadeiros amigos dos trabalhadores, ao mesmo tempo que combatemos sem tréguas aqueles que só se dizem estar com eles para melhor os oprimir e os explorar.

Como fizeram os tribunos da propaganda democrática, fá lo-hão se os deixarem, os caiairos-cajantes de Moscou. Atenção, portanto, operários de Portugal, que as palavras da insidia e da mentira vos não perturbem e que um dia, abatido o que nos divide, sejamos todos aliados e amigos contra o capitalismo de Israel, que nesta hora cinquenta domina o mundo — substituindo a máquina ao homem, subordinando a vida ao dinheiro, anulando tudo o que é elevado, e nobre, e heroico, escravizando, fazendo reinar a miséria, espalhando aos quatro ventos a dôr e a revolta!

a reconquista das LIBERDADES

Publicada pelo «Círculo de Estudos Nacionalistas», recebemos esta conferência que o sr. Dr. Hipólito Raposo leu em Março no Porto, no Teatro Apolo, numa noite que ficou memorável. Exposição clara e serena do que é o Integralismo Lusitano e do que pretende, merece que todos a conheçam e a meditem, desde os que conosco estão até aos que nos combatem sem nos conhecerem e sem nada sabermos da nossa doutrina.

A «Reconquista das Liberdades» encontra-se à venda nesta redacção, ao preço de cinco escudos, franco de porte.

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos
Partos — Sífilis

CONSULTAS

Largo José Fontana, 12-2.º (às 16 horas)

DR. MARIO CARDIA

Médico dos Hospitais

Doenças das senhoras.
Partos. Cirurgia

Tratamentos pela rádio e electricidade
AVENIDA DOS ALIADOS, 61, 1.º — PORTO
TELEFONE 4907

MIRA DA SILVA

■ ■ MÉDICO ■ ■

Avenida Almirante Reis, 57-A, 1.º

LISBOA

DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos
CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 55 — Tel. 1.3818

A's 14 horas

DÁFUNDO: R. Paulo Duque

A's 17,30 horas

Não há CAFÉ como o de

A
P
A
U
L
I
S
T
A
N
A

A' venda no

Largo de S. Domingos, 12 e no
Av. Fontes Pereira de Melo, 52-52 B.

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

TELEFONE C. 642

----- LISBOA -----

Martinho Nobre de Melo

ADVOGADO

Rua de Santa Justa, 82, 2.º

Telefone Norte 4352

----- LISBOA -----

A. Nunes e Silva

Advogado

TELEFONE CENTRAL 642

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

— LISBOA —

Dr. Amaral Pyrrait

MÉDICO

Consultório — Rua Anchieta

----- LISBOA -----

CASA

DOS

PANOS

A 1.ª casa da especialidade

Sortimento completo em

Panos brancos e Linhos
Tecidos de côr para roupa
da Senhora

Sarjas brancas, Sarjes
crús, etc.

Serviço rápido de amostras para

PROVINCIA e ILHAS

Esquina da Rua de S. Julião
45, R. dos Fanqueiros, 49

